

Teatro

385 Regresso (talvez) aos actores

Maria João Brilhante

Se, levado pela curiosidade que lhe desperta o nome Fernando Pessoa, até ao Rossio se deslocar, se resistir aos primeiros dez minutos do actual espectáculo do Teatro Nacional de D. Maria II terá então oportunidade de apreciar dois ou três momentos altos num trabalho que não envergonha quem nele participa mas não dá um só passo em frente na prática teatral. Falo da concepção do espectáculo mas também do próprio texto de Salazar Sampaio.

Começando por aqui. É inevitável interrogar a construção, já pouco original ainda que fascinante, do teatro, no teatro, sobretudo se em vez de servir para questionar, contestar, revelar algo, ela se limita a tentar uma «harmonia» textual, a envolver e ligar o carácter necessariamente fragmentado de um pseudo texto dramático que um «Grupo Independente de Teatro» ensaia, ou seja, para fazer assentar numa «intriga» os textos de F. Pessoa.

Apesar desta solução dramática, responsável por situações de algum mau gosto («A meu ver, a inclusão de cenas por vezes ligeiras e até jocosas ou apalhaçadas permitiu acentuar o dramatismo da obra pessoana...» diz, contudo, Jaime S. Sampaio) como por exemplo, as do rancho folclórico e as da «multidão» fantasmática, redundantes face às palavras do Poeta e só imagináveis num filme de Minelli ou Fellini, merece relevo a intenção de dar a conhecer uma leitura da obra de F. Pessoa. Ela passa, como é óbvio, pelo trabalho de **selecção** dos textos (e seus fragmentos) que tornam a «peça» — escolha pessoal, obedecendo

a gostos e preocupações do autor — e pela sua **arrumação**, de «boa vizinhança» diz-se, mas feita aparentemente segundo núcleos quer temáticos (o Amor, a Morte, o «Informe Labirinto») quer biográfico-literários (o aparecimento dos heterónimos) quer semânticos (a ambiguidade, a indefinição, a contradição). Predomina, felizmente, o olhar sobre a obra, ainda que no final também daqui nasça alguma da nossa desilusão. É que se o convite à leitura ficou — e levando desde já a questão do destinatário a quem ele se dirige — insistiu-se demasiado, para rematar, numa certa auréola misteriosa que envolve as palavras de F. Pessoa, fascina e deixa perplexos os seus leitores. Afinal, depois de se propor o resultado de um **individual** trabalho sobre a escrita de Pessoa, retoma-se ao lugar-comum do género incompreendido.

Para a concepção de **Fernando (talvez) Pessoa** parte-se de três áreas representadas no texto de Salazar Sampaio: a de um Teatro, a do Teatro, ou seja, a peça que três «pessoas» estão a preparar com base nos textos do Poeta, e a do sonho ou imaginário, espécie de écran onde se projectam (para onde resvalam) as construções mentais que nos protagonistas surgem.

O sentido do «Informe Labirinto», presente na obra de Pessoa e que Salazar Sampaio toma como ponto fulcral do seu pensamento, surge mais explicitado no cenário que na encenação. Enquanto o arranjo cénico pretende transmitir o carácter móvel e vasto do real envolvente, mesmo tratando-se de um cenário de teatro, ou a essência das coisas que, roçando o «cliché», nos símbolos se encontra condensada, o propósito da marcação é o de criar um



«Fernando (talvez) Pessoa»: um trabalho que não envergonha

corpo para o Poeta. Serve-se para isso da marcação, assente quase exclusivamente na **oposição** entre as duas primeiras áreas — a do «real» (estático) e a do «Teatro» (móvel) — e na **contaminação** entre a segunda e a terceira — o «Teatro» e o imaginário pessoano. Resulta numa tarefa inglória por, pelo menos, três razões: cada um de nós deu já um corpo ao Poeta (através, p. exemplo, de Almada Negreiros, Costa Pinheiro, João Botelho, a «Fotobiografia»); António Rama está longe de conseguir sustentar o peso dessas imagens, pouco ajudado pela marcação que o obriga a dizer movendo-se ao mesmo tempo, optando por «recitar» poemas; os heterónimos parecem

inicialmente manequins (o que seria bem curioso como projecto de encenação) mas acabam por se tornar, aos nossos olhos, actores vestidos à Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Como dissera, no início, a desilusão não é completa. Ouvimos textos de F. Pessoa trabalhados por Salazar Sampaio; S. José Lapa dá-nos um **Menino** e uma **Ofélia** onde rigor e sensibilidade se misturam; Mário Pereira percorre as duas horas de espectáculo com sobriedade de que já não nos lembrávamos (embora no final tendendo para um «naturalismo» que não era para ali chamado); e Carlos Cabral, recordando alguém que não anda pelos teatros, faz duas «cenas» de guardar na memória.

Espantosamente, ou talvez não, é aos actores que regresso...

Fernando (talvez) Pessoa de Jaime Salazar Sampaio; encenação de Artur Ramos; cenários e figurinos de Emília Nadal; música de A. Vitorino de Almeida; coreografia de Fernando Lima; corpo técnico do Teatro Nacional de D. Maria II; com Mário Pereira, António Rama, S. José Lapa, Luís Pinhão, Germano Martinho, António Banha, Carlos Fonseca, Varela Silva, Rogério Paulo, Curado Ribeiro, Carlos Cabral, António Anjos, Igor Sampaio, Ruy de Matos e António Sarmento; figurantes — Carlos Costa, Custódia Gallego, Eduardo Morais, Emília Bento, Isabel Alarcão, Joaquim Doutor, Lizette Frias, Mendes da Silva, Miguel Menezes, Paula Sousa. (Estreado a 25/3/83 no Teatro Nacional de D. Maria II).